

DOMINGO

# JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Rio de Janeiro • Domingo • 11 de julho de 1999 • Ano CIX - Nº 94

## Classe média reclama da perda do poder aquisitivo

### Números mostram mudanças em hábitos de consumo e mobilidade social

A classe média usufruiu o quanto pôde da estabilidade econômica. Mas, nos últimos meses, anda assustada com o aumento no custo de vida, que subiu 11 pontos percentuais acima dos índices utilizados para avaliar os gastos das camadas mais pobres da população. O seu orçamento está apertado por uma carga tributária que não tem contrapartida em bons serviços públicos e os preços subiram muito em quatro dos seus principais gastos: educação, habitação, saúde e lazer. As reclamações são analisadas pelo diretor-executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, para quem "com o real todos os brasileiros escalaram um degrau da escada". (Página 10 e Economia. n.º 11)

**CLASSE MÉDIA** Dados do Ipea refazem o perfil de 40% da população do país

# Um retrato mais abrangente

FLÁVIA BARBOSA

A população brasileira faz uma imagem de classe média que não é realista. Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), do ponto de vista dos rendimentos os remediados do Brasil são os 40% da população cuja renda média familiar é de R\$ 682,61 por mês, não chegaram à universidade, moram nas grandes regiões metropolitanas do Sul e do Sudeste, têm casa própria e, quem diria, foram protegidos pelo governo Itamar e beneficiados pelos primeiros anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso.

"Essa é a classe média do Brasil, um grande bloco intermediário, porém representativo, cuja renda familiar máxima é de R\$ 1.405. Ou seja, o que se convencionou chamar de classe média se acha coitadinha, mas não é em relação ao Brasil. Era uma faixa para estar bem diante de quem vive com R\$ 58,85 per capita em casa, os pobres. Pessoas como nós, eu me incluo nessa categoria, ganham mais de 25 vezes o que os pobres. Isso não acontece em lugar nenhum do mundo", afirma o economista Marcelo Néri, responsável pelo mapeamento.

**Renda** - Pelo conceito puramente de renda, ou seja, excluindo-se da análise o aumento do custo de vida ou sobrecarga de impostos, a classe média foi menos sacrificada aos longo da década de 90. Nos dois anos e meio de brutal recessão do governo Collor, essa camada teve mais da metade do rendimento mensal comida pela inflação (61,4%, contra -65% para o conjunto da população).

Nos anos de Itamar Franco, a elite foi muito beneficiada, liderando o crescimento anual de 6,4% da renda nacional. A classe média, porém, acumulou ganhos acima de 11% entre outubro de 1992 e janeiro de 1995. No período de glória do Plano Real, até de-

zembro de 1996, a classe média também lucrou. "Os rendimentos desses 40% da população cresceram 13,3%. É certo que o primeiro mandato de Fernando Henrique ficou conhecido pela dentadura e o frango, mas a classe média obteve vantagens", atesta Marcelo Néri.

**Crises** - As crises que assolaram o país desde então começaram a corroer esses ganhos. De janeiro de 1997 até fevereiro deste ano, a renda total da economia caiu 1,5%. "A classe média sofreu mais, as perdas são de 2%. Mas, se comparadas ao Collor, são 10 vezes menores", atenua o economista do Ipea.

"É evidente que é pouco se compararmos aos números dos remediados dos EUA, mas o equilíbrio dessa classe média - que de-

tém 40% da renda nacional, ou seja, onde os desequilíbrios em termos de distribuição são mínimos - é que coloca o país na linha de riqueza do mundo", exemplifica Marcelo Néri.

**Elite** - O economista classifica a classe média do imaginário brasileiro como elite, parte da fatia de 10% da sociedade que detém 50% da renda nacional, o que resulta em absurda concentração de renda. São famílias cujo rendimento médio mensal é de R\$ 2,4 mil e que sofreram menos com o desastrado mandato de Fernando Collor (quando a renda caiu 18% ao ano), foram protegidas na gestão Itamar (por conta do acesso a mecanismos de reindexação e de aplicação financeira) e, se não ganharam tanto, também não foram

abandonadas nos anos do real.

"Os dados chocam à pretensa classe média, mas nós somos a elite, estamos no topo. O chororô que protagonizam com a reforma da Previdência, com os planos de demissão voluntária é uma demanda por proteção. Mas essa camada não precisa de proteção, pobre é que precisa", defende Néri.

Na opinião do economista do Ipea, essa é uma importante noção para se decidir políticas públicas, por exemplo, que melhorem a distribuição de renda no Brasil ou promovam a geração de emprego. "O gasto social no Brasil consome 21% do PIB, é mais do que a média da América Latina. Metade vai para aposentadoria e dos 4% que sobram para Educação quase tudo é para o ensino universitário. A elite tem imensa capacidade de se apropriar dos gastos públicos", diz Néri.

Para o economista, se for mantida essa situação, nunca se promoverá uma efetiva distribuição de renda no país. "É um conflito distributivo tremendo. Por razões sociais, é preciso pensar nos 50% mais pobres, discutir se a elite não tem que pagar mensalidade da universidade pública. Não existe projeto contra pobreza no país. Até a esquerda tem proposta social ridícula, fala para a elite", critica Marcelo Néri.

Dados do Banco Mundial comprovam que em nenhum lugar do mundo os 10% mais ricos concentram tanta renda. Em Ruanda, eles se apropriam de 25%; na Tailândia, de 37%; e nos Estados Unidos, de 28,5%.

Então, qual a motivação do chororô? O conflito distributivo no Brasil é tão grande que há uma imensa disparidade dentro da própria elite. No topo da pirâmide há 1% de brasileiros que detêm 15% da renda nacional. Os nove pontos que vem em seguida - ainda no topo - detêm 35%. É por esse desní-

## QUEM SÃO ELES E COMO VIVEM

- São 40% da população e detêm 40% da renda nacional.
- Têm rendimento médio familiar mensal de R\$ 682,61.
- Têm renda per capita familiar mínima de R\$ 150 e máxima de R\$ 500.
- Tiveram mais de 60% de perdas na renda durante o governo Collor, mais de 11% de ganhos na gestão Itamar, 13% de incremento no primeiro ano de governo FH e perderam 2% dos rendimentos desde janeiro de 1997.
- Têm família composta por 2,81 pessoas, na média.
- Vivem no Sudeste (54,6%) e no Sul (18,2%).
- Moram nas regiões metropolitanas (37,2%) e outras cidades de grande porte (23,16%).
- Têm casa própria (75,5%).
- São brancos (63%), mas avançam a participação dos negros e pardos (36,4%).
- Estão entre 25 e 45 anos (46,6%).
- Estão em famílias chefiadas por homens (81,5%).
- Estudaram entre 4 e 8 anos (35,7%), mas avançam à maior escolaridade, entre 8 e 12 anos de estudos (29,2%).
- Têm empregos de maior estabilidade ou capacitação: carteira assinada (28,6%), conta própria (24%) e servidor público (10,3%).
- Pertencem ao quadro de funcionários da empresa em que trabalham há mais de cinco anos (42,2%).
- Trabalham no setor de serviços (37,5%), mas têm presença na indústria (14%).
- Têm acesso à água canalizada (95%).
- Pouco contam com sistema de esgoto (50,6%).
- Possuem eletricidade em casa (98,3%).
- Têm acesso à coleta de lixo diretamente (81,3%).